

ENSAIOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM: OS PROFESSORES E SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

Gilmércia da Silva Picoli¹, Jéssica P. Campos da Silva², Roseli Raquel Neumann³,
Tania Micheline Miorando⁴

Resumo: Este estudo foi realizado na disciplina de Didática Geral, e nele se discute a formação de professores nas suas diversas implicações pelas escolhas pedagógicas e pelo envolvimento escolar. Passa pela abordagem da leitura na escola e no mundo, seu intrincado processo de aprendizagem com o Projeto Político-Pedagógico como uma construção coletiva entre comunidade e escola, até a avaliação que se institui desde a sala de aula para a abrangência na qualificação dos espaços escolares. Parte de lembranças pessoais nas Histórias de Vida dos professores em formação docente e discute os mitos que perpassam a educação. Revisita autores que apresentam debates essenciais para a qualificação da educação e o quanto se interpõem nos espaços acadêmicos de formação nos cursos de licenciatura.

Palavras-chave: Formação de Professores. História de Vida. Mitos da Educação. Projeto Político-Pedagógico. Avaliação.

A graduação é um tempo em que podemos nos deter em estudos que pretendem melhor nos orientar para a prática em sala de aula. Na disciplina de Didática Geral buscamos, com a realização de trabalhos, discussões em sala de aula, pesquisas e troca de experiências, ensaiar como será a nossa vivência com alunos em uma escola, quando nos tornaremos educadores efetivamente.

Logo no início de nossas aulas, confeccionamos o Livro da Vida, que fez a todos viajar até a infância e relembrar momentos de sala de aula que já havíamos deixado no arquivo das memórias quase esquecidas. Rememoramos práticas e vivências da vitalidade infantil, da adolescência e o início de nossa vida acadêmica na Universidade: lembranças boas e outras nem tanto. Seguimos com a linha do tempo em breves planejamentos para o tempo de nossa profissionalização docente.

Foi importante lembrar de nossos professores, pois assim pudemos discutir como eram suas práticas, como nos orientavam, quais eram nossos comportamentos e os caminhos que seguimos com o passar dos anos na escola. Tivemos a oportunidade de visitar as atividades realizadas em sala de aula e de analisar práticas que reforçaram nosso aprendizado ou que passamos sem bem entendê-las, mas que para nossas reflexões nos proporcionaram realizar o debate sobre os conhecimentos para a nossa vida como educadores.

Passamos a referenciar nossos estudos com as importantes ponderações que encontramos nas obras de Paulo Freire. Analisando sua biografia, aprendemos que foi um homem ativo em

1 Acadêmica do curso de Letras, Centro Universitário UNIVATES. E-mail: g-picoli@bol.com.br

2 Acadêmica do curso de Educação Física, Centro Universitário UNIVATES. E-mail: jeh_campos@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Letras, Centro Universitário UNIVATES. E-mail: roseliraquel@hotmail.com

4 Mestre em Educação, Professora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais, Centro Universitário UNIVATES. E-mail: tmiorando@gmail.com.

relação à educação, ou seja, sempre queria pensar e repensar a educação. Acreditava em mudanças e no progresso que poderia gerar para a Educação.

Ao lermos a obra de Freire e Betto (2003) "Essa escola chamada vida", destacamos citações interessantes e a partir delas fizemos relações com as nossas práticas do dia a dia. Dentre elas escolhemos a seguinte: "Em lugar de tentar compreender, descrever o concreto na relação pai e filho, descrevia o conceito, por exemplo, do Código Ético da Criança. Claro que não dava para entender! Então, como é que eu aprendi? Aprendi fazendo, errando!" (FREIRE; BETTO, 2003, p.12)

Esta citação nos levou a pensar que na escola e mesmo na vida, primeiramente precisamos experimentar, tentar o novo, o diferente, e em alguns momentos até errar, para então atingir os objetivos. Assim como Freire e Betto (2003), acreditamos que os docentes devam oportunizar aos seus discentes momentos em que o erro sirva de aprendizado, que os alunos não sejam recriminados pelos seus erros e saibam que errar faz parte do processo na busca de acertos na educação. É necessário ter muita atenção quando se exige dos alunos que aprendam os ensinamentos no tempo em que o professor quer, porque cada um tem o seu limite e o seu tempo para realizar suas atividades.

Em contrapartida ao pensamento de que os erros auxiliam no aprendizado, Freire e Betto (2003) citam, no decorrer da obra, que o educador deve convencer e ensinar ao educando o correto na busca pelo aprendizado. A tarefa pedagógica não é simplesmente mostrar os erros, mas sim criar estratégias e metodologias diversificadas, a fim de apresentar formas de ensinar o correto e assim convencê-los disso. Observamos o seguinte trecho:

Se bem, Betto, que haja também, uma responsabilidade extraordinária, por parte do educador, na tarefa pedagógica, enquanto política, que é a de, radicalmente respeitando o educando, desafiá-lo, porém, a se convencer da verdade, ou daquilo que o educador assume como verdade (FREIRE; BETTO, 2003, p. 74).

O professor também tem o papel de propor pesquisas e buscas sobre as curiosidades que seus alunos têm e, assim, estimulá-los a encontrar respostas para suas dúvidas, questionar o que poderia ser uma certeza para criar uma problematização e uma nova possibilidade de aprendizado. Vivemos um tempo em que as verdades estão em suspenso (FOUCAULT, 1996). O professor estará, assim, desafiando-os a resolver seus problemas e, ao mesmo tempo, fazendo com que eles busquem o seu próprio aprendizado. O lugar do aluno nesse processo de aprendizagem é o principal. Temos isso muito bem dito na leitura de Freire e Betto, na seguinte passagem:

O educando ou é o protagonista do processo educativo ou estamos falando de opressão educativa que, portanto, não é educadora. Ele tem que estar no centro do processo. Professor, assessor, educador, é apenas aquele que vai ajudar a explicar e a sistematizar aquilo que a vida e o contexto dos educandos fornecem como elemento (FREIRE; BETTO, 2003, p. 44).

Ao lembrarmos nossas histórias de vida, há mais ou menos trinta anos nos víamos, em alguns momentos, como alunos e meros expectadores das aulas, sem vez de opinar nas propostas oferecidas, e entendemos agora, quando nos preparamos para sermos professores, como são possíveis as dificuldades na aprendizagem se instalarem nas vidas dos alunos. O professor que se considerava o protagonista das situações e apenas transmitia os conhecimentos não conseguia desafiar a nós e nossos colegas para sermos partícipes no processo de aprendizagem. Por vezes, aí poderia estar o início de um fracasso escolar.

Queremos crer que a escola já tenha passado por algumas mudanças, e, dentre estas, ter encontrado a democracia nas suas práticas, onde os alunos participam com mais frequência, sendo eles os protagonistas no próprio aprendizado. O professor deve ter se tornado um mediador, como nas palavras referidas por Freire e Betto (2003), o professor é um assessor e educador, aquele que

parte das ideias, vivências e dificuldades dos alunos para obter seus elementos de estudos e seguir suas atividades.

Estudando outras obras de Freire, encontramos outros pensamentos relevantes, como este: “Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 23). Entendemos com isso que o educador, ao ensinar, aprende também ao mesmo tempo, pois troca diferentes conhecimentos com seus educandos. Ele abre um espaço para que todos possam expor suas ideias e reforçar suas opiniões, tendo assim uma valorização dos conhecimentos de quem esteja participando nesse processo.

Freire segue orientando o posicionamento dos professores: “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 85). Essa curiosidade mencionada por Freire deve ser elemento fundamental no cotidiano escolar, tanto na vida dos professores quanto na vida dos alunos.

Para começar, estamos aqui porque buscamos ser educadores e continuamos em uma busca incessante de nós mesmos, de nossa identidade. Se não tivermos interesse sobre nós, sobre o que nos rodeia, sobre nosso trabalho, se não buscarmos mais informações, principalmente para qualificarmos nossa atuação profissional, não vamos crescer, nem aprender e muito menos ensinar. cremos que seja importantíssimo procurar algo novo, interessante, sempre procurar curiosidades para acrescentar ao assunto que está sendo trabalhado, passando essa vontade de aprender e de buscar para o educando também.

Se o professor não faz isso, não demonstra estar interessado em buscar, e também irá demonstrar que não tem interesse por si próprio. Conhecer-se e cuidar de si (FOUCAULT, 1987) é parte muito importante de nossas vidas para que tenhamos mais estratégias para não nos deixarmos governar ingenuamente.

Uma forma de ilustrar o que foi dito é aproximar outro saber que Paulo Freire julga ser necessário: de que precisamos desafiar nossos educandos, utilizando perguntas para fazê-los refletir e ajudá-los a formar opiniões e reforçar argumentos. Para isso, entretanto, precisamos aprender, estudar e nos interessarmos para poder desafiá-los.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou reolhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação (FREIRE, 1996, p. 43).

O aluno percebe qualquer gesto que o professor faça e, independentemente de qual seja, o aluno guarda em suas lembranças, e será trazido à memória outras vezes, sejam lembranças alegres ou tristes. Um olhar de desautorização do professor para as atitudes do aluno que está bagunçando já deve ser um indicativo forte para que ele saiba que o professor não está de acordo com a sua atitude. E o mesmo acontece com um olhar de consideração e respeito vindo do professor para os trabalhos dos alunos, dentro ou fora da sala de aula.

O trabalho pedagógico continua na sala de professores. Tomar consciência de suas implicações políticas avança a lista de conteúdos e a didática que traz para o seu planejamento diário. As atitudes de cidadania que o professor mostra em seu discurso é também a grande lição de escola democrática que os alunos tanto merecem receber. A qualidade dos materiais que o professor adquire para a sua formação continuada está diretamente ligada às condições de adquiri-lo.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de

sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte (FREIRE, 1996, p. 66).

O professor precisa conhecer as categorias políticas de sua classe profissional e deve sempre estar sensível às reivindicações de seus colegas por melhores condições de trabalho. É importante que o professor tenha consciência da realidade na qual está trabalhando para desenvolver atividades que sejam almeçadas pela comunidade onde atua. Através de seu trabalho, o professor está ali para melhorar o mundo, por isso, o educador deve ter a convicção de que a mudança é possível.

Não podemos deixar de reconhecer que, além da riqueza intelectual de ideias, devemos valorizar as experiências vividas pelos alunos. E nós, como futuros educadores, devemos ter isso muito presente na formação profissional. A prática educativa terá base no que pensamos e em como pensamos. Assim, devemos sempre pensar sobre a maneira que desejamos ser como educadores para então entendermos o que significa a cultura de quem tem mais poder é quem sabe mais. O poder que temos em relação ao que sabemos já fora prenunciado por Freire (1996): a educação é vista como um começo para a transformação de uma sociedade. Está sob sua função diminuir o índice de analfabetismo, de violência e melhorias tecnológicas para o progresso em nosso país, Brasil.

As mudanças, associadas à educação, podem começar pelo próprio indivíduo que sonha com elas, para posteriormente sugerir-las àquelas pessoas que não as aceitam e nem acreditam. A transformação inicia a partir de um pequeno passo. Diz Freire (2001) que é um sonho possível, mas que demanda o esforço fantástico de criá-lo. Esse esforço deve ser de livre e espontânea vontade, pois, para mudarmos algo ao nosso redor, precisamos mudar algo dentro de nós também, e isso requer força para que possamos acreditar em nosso próprio potencial e na possibilidade de mudança nas ações praticadas na educação.

A LEITURA NA EDUCAÇÃO: MITOS A SEREM OBSERVADOS

Estudamos em sala de aula os mitos da Educação e verificamos os muitos deles existentes em peças publicitárias. Detivemo-nos em analisar uma propaganda de creme dental, a qual escolhemos pelos mitos que apresentava. Dentre os mitos que encontramos, apontamos para os seguintes: o creme dental protege por 12 horas, contra 12 problemas bucais, deixa os dentes mais brancos em apenas alguns dias e torna a boca mais saudável em comparação ao uso dos demais cremes dentais.

Passamos a discutir os números exatos apresentados pela propaganda quanto às horas de proteção ou de problemas bucais a serem curados. Baseada em que está essa afirmação? Posto que a formulação dos cremes dentais é muito parecida, por que este creme deixaria os dentes mais brancos do que outros cremes seriam capazes? Os cuidados necessários exigidos aqui não são os de higiene comumente necessários para as precauções em relação às patologias bucais? Usar este creme – que protege por 12 horas – e não ter outros cuidados com a boca nesse período continuaria a proporcionar a proteção de 12 horas?

Esses questionamentos nos levaram a pensar sobre o produto oferecido e à indução a pagar mais por um creme dental que pode fazer o mesmo do que outros similares. Mas somos levados pelos números, cores, palavras que nos oferecem conforto ou desculpabilização de nossa falta de cuidado com a higiene bucal e preferimos acreditar que estaríamos protegidos.

Não diferente, levamos essas atitudes para outros espaços de nossa vida. Aqui, faremos uma análise aproximando nossos estudos com a educação. E a partir desse trabalho passamos, por analogia, a pensar um vídeo que vendesse algum produto da educação. Com o exemplo do vídeo

que assistimos sobre o creme dental, elaboramos outra propaganda cujo produto a ser vendido fosse a leitura.

Optamos pela criação de um DVD com dicas que auxiliassem os leitores a realizar uma leitura mais qualificada. Nesta nova propaganda que criamos, continuaram existindo alguns mitos, dentre eles a necessidade de ler apenas uma hora por dia, enfatizando a leitura em quantidade e não em qualidade. Outro mito é o de que simplesmente assistir a um DVD de dicas resolveria o problema da leitura – o que não é verdade, pois além de assistir, é necessário colocar em prática também, pois consideramos a leitura como um ponto essencial na aprendizagem do ser humano.

Outra vez, trazemos aqui as sábias recomendações que Freire endereçou a todos os professores quando escreveu cartas. Ensinou-nos a ler para além das palavras: a ler o mundo! Tanto falamos que precisamos entender o mundo, mas queremos fazê-lo sem querer ler seus sinais.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha (FREIRE, 1994, p. 29).

Não existe uma única forma de se fazer uma leitura, pois ela depende de fatores pessoais do leitor: se ele está lendo algo que lhe agrada, se não há outros problemas desconcentrando-o, se o vocabulário é acessível, ou se ele tem algum entendimento do assunto que está sendo lido. Não é tão fácil aprender a ler de uma forma que se compreenda o que se está lendo. Como abordamos nos mitos, no exercício anterior, não basta ouvir respostas prontas que, num passe de mágica, lhe fariam ler e compreender. É preciso praticar a leitura e dedicar-se a ela de forma concentrada e compreensiva, aproveitando ao máximo os conhecimentos trazidos por essa leitura.

Nessa mesma carta, Freire continua alertando: “Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita” (FREIRE, 1994, p. 29). Aqui está a função do professor. O tempo que passamos na academia, procurando entender melhor como é ensinar a ler e a escrever não apenas no papel, mas ver e ler o mundo e compreendê-lo, precisa ser também percebido pelos professores em formação. O estudo, mesmo que pareça teórico, não pode ser passivo, mas ser extremamente desafiador a conhecer as responsabilidades que aparecem na sala de aula de uma universidade ou de uma escola básica: ler continua sendo um aprendizado a ser buscado para além de linhas escritas.

QUANDO O PLANEJAMENTO DIÁRIO ESTÁ DE ACORDO COM O PLANEJAMENTO DA ESCOLA: PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Se voltarmos para a passagem de Freire citada anteriormente, veremos a importância de ensinar corretamente a leitura e a escrita. O educador tem, entre outras responsabilidades, a de incentivar o hábito da leitura através de assuntos do interesse do aluno, para que nele desperte o gosto pela leitura. É importante que o professor consiga despertar o interesse de saber mais sobre diversos tipos de assuntos em que o educando está envolvido.

Uma das razões pela qual o trabalho do professor parece estar tão descolado da realidade do aluno é por talvez desconhecer os caminhos que a Escola traçou para o seu planejamento coletivo: o Projeto Político-Pedagógico. Muitas vezes, o professor não tem presente a importância de elaborar em conjunto os objetivos que poderão conduzir as estratégias de trabalho de sala de aula, envolvendo direção, pais, professores, alunos e funcionários, tornando de interesse coletivo as disciplinas e suas áreas.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) é um planejamento que prevê ações a curto, médio e longo prazo, intervindo diretamente na prática pedagógica diária. As ações refletidas no projeto procuram incluir desde os conteúdos, avaliações e funções até as relações que se estabelecem dentro da escola e entre a escola e a comunidade. Não pode haver uma escola que se feche entre seus muros e desconheça a comunidade que a rodeia. Precisa ser uma escola que dialogue com as pessoas que estão fora e queiram entrar, mas que também se sintam bem ao sair: a frustração do aluno por ter passado um tempo na escola e de que esse tempo de nada lhe tenha servido gera a revolta – algo que não queremos, pois sabemos seu preço.

A ideologia em relação à pessoa que a escola pretende formar a partir do trabalho pedagógico com o aluno é o argumento político do projeto. No PPP, é possível observar se a escola pretende formar cidadãos críticos, participativos, responsáveis e sujeitos de sua própria história ou se o foco dela é apenas repassar conteúdo, sem prestar atenção ao desenvolvimento humano.

O trabalho coletivo na discussão e construção do PPP deve ser desenvolvido analisando a realidade da escola, a partir de opiniões e decisões dos grupos atuantes na escola e na sua comunidade. Pais, alunos e funcionários também participam da construção de um PPP, mas isso acontece pouco. Nesse projeto pedagógico deve constar a realidade da escola, metas para o futuro, o que a escola busca, como quer formar seus alunos, quais são seus objetivos, enfim, é a vida da escola que planeja seus próximos passos.

A importância do planejamento coletivo é deixar todos a par de como vai o andamento do trabalho na escola, auxiliando os professores a compreender melhor as metas que a escola estabeleceu e que quer atingir. Esse documento também serve para dar a conhecer a própria realidade da escola para os professores que vêm de fora, de outra escola e/ou cidade, para saber como aquela escola funciona, o que preza, qual é a sua metodologia de trabalho. O Projeto Pedagógico da Escola é um documento fundamental e sua construção também é uma lição a ser aprendida.

A principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isso significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, de diálogo, fundado na reflexão coletiva (VEIGA, 2004, p. 15-16).

O Projeto Político-Pedagógico apresenta várias possibilidades em que educador e educando possam fazer-se presentes no contexto escolar. As práticas pedagógicas devem permitir aos alunos não somente acesso ao conhecimento, mas também a forma de transformar e inovar, levando esse conhecimento para a vida. O documento pode apresentar as dificuldades que a escola enfrenta com alunos, professores, infraestrutura de suas instalações, bem como as qualidades e benefícios que ela proporciona. Fornece dados de quando ocorrem as reuniões de pais, os conselhos de classe e as avaliações com os educandos. É apresentado o planejamento futuro da instituição, os projetos e os planos de ação.

Ter estudado sobre esse documento nos levou a querer saber diretamente de professores que trabalham nas escolas as suas percepções sobre o Projeto Político-Pedagógico e optamos por entrevistar alguns professores e alunos. A seguir, selecionamos trechos de suas falas para somarmos às nossas discussões.

Nas diferentes entrevistas que realizamos em duas escolas, os professores se mostraram conhecedores do tema questionado. Disseram-nos que o PPP fora elaborado por toda a comunidade escolar, isto é, professores, pais, funcionários, alunos e equipe pedagógica da Escola. Tais respostas foram muito gratificantes para nós, acadêmicos em formação docente, que esperávamos respostas próximas do que estamos estudando: que todo o Plano Político-Pedagógico tivesse sido planejado com a opinião/participação da comunidade escolar.

Nas duas escolas em que procuramos os professores, nos informaram que o PPP é consultado sempre que surgem dúvidas ou até mesmo para estudos, sendo aberto a todos, pois é um documento que rege a escola. O que nos chamou atenção é que o PPP é atualizado de acordo com o que a escola considera necessário, não havendo um período de tempo determinado para se efetuarem alterações. Também foi dito que sempre que surgem novas opiniões ou sugestões de mudanças, a comunidade escolar se reúne e é analisado o tema para a atualização do projeto.

Ousamos questionar aos alunos sobre sua participação e compreensão do que seria o PPP. Relataram que participam das discussões, mas não sabem de que se trata de um documento da escola. Relataram-nos sobre as avaliações das atividades realizadas na escola, com os colegas, nas disciplinas e até mesmo do corpo docente, mas não sabem que essa avaliação serve para melhoramentos de sua comunidade escolar. Os alunos ainda não têm a visibilidade de que essa participação e suas decisões estão diretamente relacionadas com a qualidade da educação na escola que frequentam. Eles não relacionam a intervenção que realizam na escola com o próprio rendimento de seus estudos.

Participar de um processo democrático que muda a Escola é um aprendizado tão significativo que passa a delinear muitas outras participações e posicionamentos na sociedade. A avaliação passa a ser uma referência para a própria criança no sentido de superação das dificuldades que venha encontrando, e está relacionada a uma concepção de sujeito e de sociedade no qual é participante por meio do que fora viabilizado no Projeto Político-Pedagógico da instituição. A participação no processo de democratização da Escola é que mudará o sujeito que construirá a sociedade.

AValiação: PROCESSO DE APRENDIZAGEM PARA PROFESSORES E ALUNOS

A avaliação escolar é, antes de tudo, uma questão política, pois está relacionada ao poder, aos objetivos, às finalidades, aos interesses que estão em jogo no trabalho educativo. Entendemos, pois, que o sentido maior da avaliação é ler indicativos para traçar estratégias de atuação pedagógica e metodológica para que os alunos aprendam mais e de forma melhor qualificada.

O conhecimento não tem sentido em si mesmo: deve ajudar a compreender o mundo e nele intervir. Assim, compreendemos que a principal finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a formação integral dos sujeitos pela mediação da efetiva construção do conhecimento: a aprendizagem por parte dos alunos. É para contribuir neste processo de cuidado da aprendizagem do aluno que a avaliação aparece como procedimento essencial.

O processo avaliativo, em sua perspectiva mediadora (HOFFMANN, 2004), destina-se assim a acompanhar, entender e favorecer a contínua progressão do aluno em termos de experiência educativa e expressão do conhecimento, o que favorece a abertura do aluno a novas possibilidades de aprendizagem. Avaliar não é somente fazer um "julgamento" do aluno, mas é também ajudá-lo a encontrar novos meios de se chegar aonde se quer, de se entender o que está sendo estudado.

Para que serve a nota na escola? Óbvio - responderão muitos - para indicar o quanto o aluno aprendeu! Assim, irá promover os que estiverem preparados para exercer sua profissão e irá reter os que não estiverem aptos. É uma obviedade contestada frequentemente pela prática escolar em que os alunos aprovados demonstram a seguir que não aprenderam o que sua nota faz pressupor.

O sentido da avaliação deve ser compreendido como um processo abrangente da existência humana, que implica numa reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades, e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. A nota, seja na qualidade numérica ou conceitual, é uma exigência formal do sistema educacional.

Presente em todos os domínios da atividade humana, de modo formal ou informal, a avaliação tem vindo a diferenciar, organizar, formalizar e levar à profissionalização nas mais diversas áreas, desde a crítica literária e artística até a avaliação econômico-financeira das empresas, passando, por exemplo, pela justiça. A escola também precisa aperfeiçoar-se e compreender qual função quer desempenhar com a avaliação na escola.

As mudanças em avaliação vêm ocorrendo universalmente como decorrência da exclusão de milhares de crianças e jovens da escola, precocemente, e porque a escola tradicional, elitista e classificatória não deu conta de oportunizar que todos aprendessem como poderiam se tivessem oportunidades reais de aprendizagem (HOFFMANN, 2008, p. 60).

O principal objetivo em se fazer uma análise por meio de um instrumento avaliativo é verificar como está o aprendizado dos alunos em relação à metodologia utilizada pelo professor, isto é, saber o que os alunos estão aprendendo de um conteúdo selecionado para estudo. Através da avaliação é possível verificar os principais problemas de aprendizagem e as causas prováveis desses problemas, no intuito de eliminá-los ou minimizá-los.

A realização da avaliação também permite saber como está a qualidade do ensino proposta pelo educador. O resultado da avaliação, ou seja, as notas obtidas pelos alunos evidenciam o quanto o professor pode melhorar o seu processo de ensino, ou o quanto o seu método de ensino está qualificado, caso os alunos obtenham resultados satisfatórios.

Se a avaliação permite verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos, ela permite também, indiretamente, determinar a qualidade do processo de ensino, isto é, o êxito do trabalho do professor. Nesse sentido, a avaliação tem uma função de realimentação dos processos de ensino (ou *feedback*) à medida que fornece dados ao professor para replanejar seu trabalho docente, ajudando-o a melhorar o processo de ensino-aprendizagem (HAYDT, 1997, p. 21-22).

Quando os resultados da avaliação mostram indicativos de que há um desacordo entre as metas traçadas pelo professor e como os alunos estão respondendo, o educador precisa propor novos métodos de ensino, motivar os alunos ou utilizar outros recursos mais eficazes para a compreensão do conteúdo selecionado. O professor deverá, ainda, verificar se sua linguagem está adequada, enfim, ele deve repensar seu modo de ensino para que seus alunos tenham melhores resultados no processo de aprendizagem.

Problemas emocionais e afetivos também podem prejudicar a aprendizagem do aluno e é dever do professor ajudá-lo a enfrentá-los. O trabalho nesse momento também deve ser coletivo entre os professores, equipe de apoio pedagógico e alunos. Os estudos podem ser efetivados em grupos de estudo para o reconhecimento de estratégias de aprendizagem para o aluno e para a classe, propondo atividades de integração.

Permitir que os alunos se expressem, que possam ouvir e se fazer ouvir, reforçando suas qualidades, aumentando a motivação e o sentimento de autoconfiança é fator decisivo para a autoestima de uma criança ou adolescente que não vê sentido no que está fazendo. Porém, nem sempre a solução dos problemas está nas mãos do educador, e ele deverá perceber que precisa buscar informar-se sobre o que está acontecendo com o aluno e repassar essas informações para quem possa auxiliá-lo.

As competências que fogem do âmbito didático poderão ser resolvidas por quem por direito se preparou para resolvê-las. O trabalho em equipe multidisciplinar mostra a abrangência na especificidade de atuação do professor e seu compromisso ético em partilhar o trabalho para a qualidade na educação.

Muitas vezes, os problemas de ordem afetiva e emocional extrapolam o âmbito de atuação do professor. O que ele pode fazer é conversar com os pais ou responsáveis pelo aluno, e encaminhá-lo ao profissional especializado, que tenha condições de oferecer o tratamento necessário e o acompanhamento adequado ao caso (HAYDT, 1997, p. 25).

Para os alunos, o processo de avaliação não deveria parecer algo antipático, pois é através desse processo que eles próprios podem avaliar os resultados do seu aprendizado. É importante o aluno saber quais foram suas tentativas frustradas e quais foram seus acertos, pois quando ele se expõe a uma avaliação, mais visíveis ficarão suas fragilidades ou dificuldades. A avaliação como processo de aprendizagem é outra vez apresentado por Haydt (1997, p. 28) quando ela ressalta: "...a avaliação contribui para a fixação da aprendizagem e constitui um incentivo para o aluno aprender (e não apenas para se preocupar com a nota)".

Avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou. A avaliação, bem como seus procedimentos, tem por objetivo tornar a aprendizagem mais efetiva. Nas palavras de Sant'anna (2002, p. 132), temos outra vez o alerta: "Queiramos ou não, a avaliação é uma potente arma que pode destruir ou construir".

A avaliação caracteriza-se como um processo contínuo, participativo, cumulativo e interativo, envolvendo todos os segmentos da comunidade escolar. A avaliação do desempenho do aluno é parte integrante do processo de construção do conhecimento. Portanto, a avaliação é um processo global, desenvolvida a partir do desempenho evidenciado no decorrer do processo, onde os aspectos qualitativos preponderam sobre os quantitativos.

Em algumas escolas, usa-se o conceito avaliativo e não a nota, sendo que naquele método o professor utiliza alguns critérios pessoais para avaliar, e a única regra geral é o conceito que reprova o aluno. Em uma das entrevistas a professores de uma Escola Básica, destacamos a seguinte justificativa pela opção ao conceito avaliativo:

Escolhemos o conceito e não a nota pensando no melhor para o aluno, pois uma nota baixa seria difícil de recuperar; já com o conceito podemos avaliar o crescimento do aluno, lembrando que temos cada vez mais alunos inclusos, que precisam demonstrar empenho, e às vezes ele inicia o ano mal e muda depois. E claro, pensamos na autoestima deles, pois uma nota baixa traumatiza muito mais que um conceito, pois ele tem noção que poderá recuperar diferentemente de uma nota que talvez já o fizesse acreditar estar reprovado no primeiro trimestre (Professor 1, 20/06/2011).

O objetivo final da educação escolar, medido pela avaliação, é o rendimento escolar. O professor poderá utilizar-se de questões dissertativas ou objetivas em suas avaliações, porém os critérios utilizados não podem ofuscar o olhar do professor sobre o que seus alunos necessitam para atingir as metas delineadas em conjunto. Um aluno nunca deve ser comparado ao outro, e os testes não devem ser armas contra os alunos, causando-lhes qualquer tipo de trauma, mas, sim, ser um meio de alcançar seu sucesso, atingindo os objetivos almejados.

Os conceitos utilizados na instituição onde pesquisamos são os seguintes: E- excelente, A - alcançado, AP - alcançado parcialmente, NA - não alcançado, e, I - insuficiente. A professora entrevistada já trabalhou em escolas que empregam conceitos e também em escolas em que as notas é que demonstram o quadro qualitativo na aprendizagem do aluno. Em sua opinião, prefere o conceito avaliativo, mas ainda não o vê como instrumento que leve o aluno a saber conscientemente o grau de seus conhecimentos:

Trabalhei meio ano com notas, me sinto incapaz de fazer esta avaliação. Nas escolas onde trabalho, usamos conceitos, mas sei que em um vestibular, em um concurso, em uma olimpíada e na

universidade, usam notas, por isto me pergunto várias vezes se estamos preparando de fato nossos alunos para a vida (Professora 1 20/06/2011).

Acreditamos que o próprio amadurecimento do professor ao optar pelos recursos avaliativos e os pesos aferidos não são plenamente conhecidos por ele. Este é um tema que ainda precisa de mais estudos, debates, reuniões entre os professores na escola e nos bancos de formação docente. Um tema que ainda mostra-se polêmico tem muito a ser conhecido, lido em obras de diversos estudiosos e confrontado perante as exigências que o sistema cobra do professor.

TRANSFORMANDO A EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA QUALIFICAR A ESCOLA

A educação é o começo para a transformação de uma sociedade. Pessoas conhecedoras de seus objetivos e dos recursos que dispõem, somados às técnicas que se apresentam inovadoras a cada novo estudo, transformam grandemente os espaços nos quais vivem. A autonomia tão mencionada por Freire precisa estar mais perto de ser alcançada, mesmo a partir dos bancos escolares.

Ler o mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1983). Esta é uma das afirmações mais óbvias e simples que temos para entender. E por isso seja, talvez, a mais demorada e difícil de colocar em prática. O que está acontecendo com a educação escolar que são divulgados índices tão altos⁵ de insucesso dos alunos no aprender a ler o mundo, para que estes compreendam qual é a importância da leitura na escola e fora dela? Certamente não nos alegramos quando são publicados esses altos índices da baixa qualificação dos alunos que completam seu Ensino Fundamental ou Médio, e não estão aptos a conquistarem os empregos que almejavam, quando entraram para a Escola.

As metas que a Escola pode traçar, discutindo estratégias possíveis em seus Projetos Político-Pedagógicos, fazendo de seu time de profissionais bem qualificados a soma de força e trabalho, certamente apontarão para conquistas inovadoras e com mais chances de sucesso. Precisamos, sim, acreditar que os nossos saberes docentes (TARDIF, 2002) se tornam significativos quando os colocamos em prática, de preferência na coletividade de uma escola feita pela sua comunidade para a sua comunidade.

Aprendizes que ainda somos, estamos aqui porque buscamos ser educadores e continuamos sem desistir dessa busca incessante de nós mesmos, de nossa identidade e da qualidade profissional na qual acreditamos. Se nosso grande educador Paulo Freire não deixou por um só momento de mostrar sua humildade na grande sabedoria que possuía, podemos nós também seguir firmemente seus passos. Aprender é uma atitude diária.

Este trabalho abordou estudos realizados através de pesquisas e entrevistas com professores de rede pública para que, como educadores, possamos, através de experiências vividas em sala de aula, mudar nosso modo de pensar e agir. Procurou abordar estudos feitos por um dos maiores educadores, Paulo Freire, e uma gama seleta de outros, que muito colaboram nos estudos para o aperfeiçoamento nos fazeres docentes. Cabe a nós agora nos debruçarmos sobre essas orientações e colocá-las em prática, por acreditarmos em uma educação de qualidade para o Brasil.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Hermenéutica del sujeto**. Madrid: La Piqueta, 1987.

5 Mais detalhes ver em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/09/100908_pnad_analfabetismo.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2012.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

FREIRE, Paulo; Frei Betto. **Essa escola chamada vida**: depoimento ao repórter Ricardo Kotscho. 14. ed. São Paulo: Ática, 2003.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. **Avaliar**: respeitar primeiro, educar depois. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar?** Como avaliar? Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; PEREIRA, Francisco. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Educação superior: projeto político pedagógico; Educação básica: projeto político pedagógico. **Educação básica e educação superior: projeto político-pedagógico**. São Paulo: Papirus, 2004.